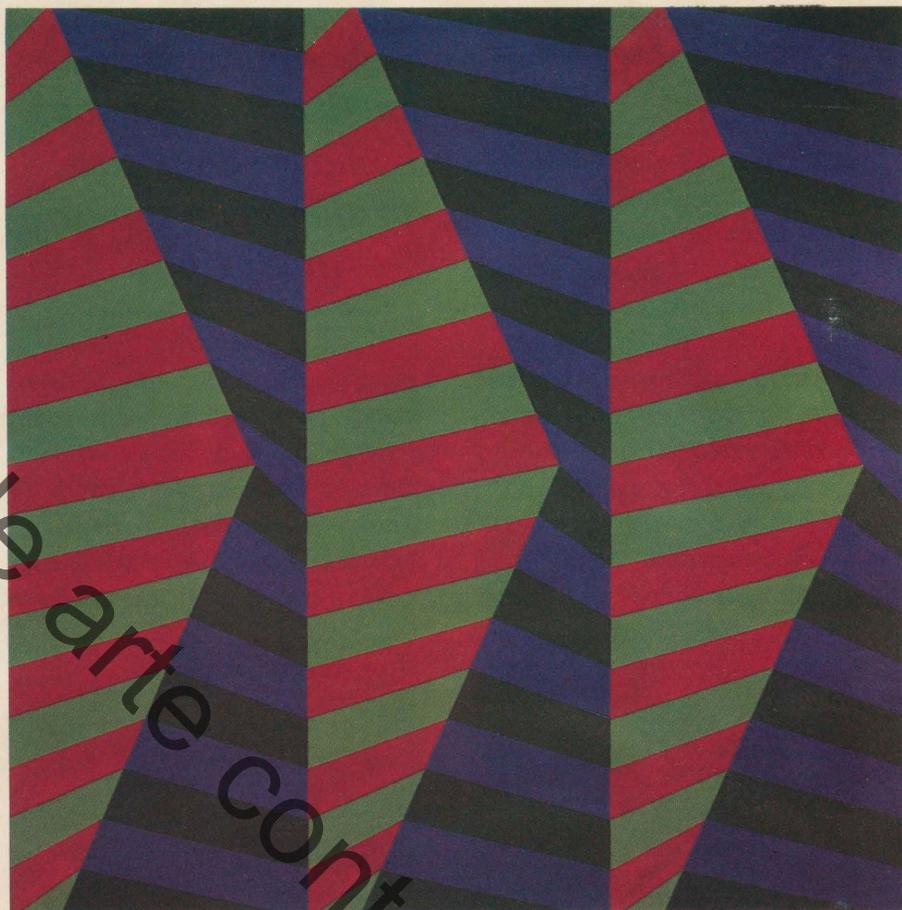




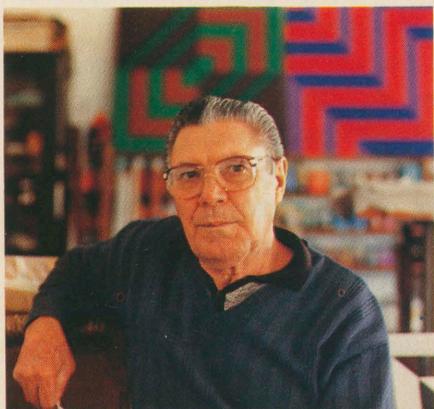
SACILOTTO

*O artista plástico
Luiz Sacilotto
receberá várias
homenagens da
Prefeitura de
Santo André em
razão do meio
século de dedicação
à arte.*

José Marquiez



50 ANOS VIVENDO PELA ARTE



Não completara ainda oito anos. Estava terminando o curso primário, quando se sentiu fascinado por lápis de cor e começou a copiar agulmas figuras de gibis. Mais tarde, o pai viu os desenhos, achou que o menino tinha talento e o inscreveu numa escola de Belas Artes. Esse menino é hoje um saudável homem de 67 anos, com 50 de atividade artística e o mais destacado pintor concretista brasileiro: Luiz Sacilotto. Nasceu em Santo André em 1924 e, já aposentado, mantém seu ateliê na rua Senador Fláquer, centro da cidade. Neste mês de novembro – ainda não há dia nem horário especificados – ele será homenageado pela Prefeitura de Santo André com o lançamento do livro *Luiz Sacilotto*, escrito pelo crítico de arte Enock Sacramento e com uma retrospectiva de suas obras, entre desenhos, pinturas e esculturas, no saguão do Centro Cívico. Além do livro e da mostra, o Departamento de Cultura prevê a

realização de uma mesa redonda sobre *O Concretismo Brasileiro e a Obra de Luiz Sacilotto*, com a participação de pintores concretistas, críticos de arte e de Décio Pignatari e Haroldo de Campos e Augusto de Campos, líderes do movimento concreto na área da poesia. Ao final, será projetado um vídeo sobre a obra de Luiz Sacilotto, dirigido por Paulo Eduardo Sacramento e uma palestra de Enock Sacramento abordando a opção concreta do artista.

Mas Sacilotto, o irrequieto filho de imigrantes italianos, antes de ser homenageado, já está arrumando as malas. Ele tem compromisso em Salerno, na Itália, onde participará de uma exposição coletiva com mais quatro artistas brasileiros e cinco italianos. Essa mostra também será realizada em Roma e em Bologna. Depois, ela volta para Santo André, em tempo para ser homenageado em sua terra natal.

Mesmo quando trabalhava como desenhista

profissional em São Paulo, Sacilotto sempre morou em Santo André "para não me afastar das raízes e dos meus amigos de infância".

Com apenas 14 anos, Sacilotto foi matriculado no Instituto Profissional Masculino, em São Paulo, onde estudou, durante quatro anos, desenho artístico e aplicado, pintura e técnicas diversas. Foi aí que conheceu Marcelo Grassmann e Octávio de Araújo. Nessa época, frequentavam a Biblioteca Municipal, na rua 7 de Abril, deleitando-se com as ilustrações de Gustavo Doré em obras como *A Divina Comédia*, de Dante, e passaram sempre pela Discoteca Municipal, onde ouviam Bach, Beethoven, Stravinski, Prokófiev e Schoenberg, entre outros.

A partir daí, Sacilotto começou a fazer desenhos livres, em qualquer superfície branca: no verso de cartazes, em papéis e cartões ordinários, porque não tinha os meios para comprar telas e papéis apropriados. "Nessa época – lembra – a gente sentia grande atração pelo Expressionismo, porque havia grandes transformações no Brasil, através de Getúlio Vargas, com *O Petróleo é Nosso*, a industrialização, a siderurgia. Na Belas Artes, na década de 40, imperava o academismo. A Arte também começou a se transformar e, ao contrário dos acadêmicos, começamos a lutar contra essa tendência e nos ligamos ao expressionismo alemão, com pintura de caráter social".

Explica o porquê dessa decisão: na Alemanha os protestos que os artistas faziam era porque existia um movimento ativo antes da subida de Hitler e sua conseqüência desastrosa. No Brasil, havia uma certa semelhança com esse regime de força, o Estado Novo, apesar de ser um pouco diferente na Alemanha e na Itália, onde dominava o fascismo.

"Todo o meu início e o desenvolvimento artístico – diz Sacilotto – foi dentro dessa visão figurativa, mas expressionista. Por exemplo: quando eu pegava uma figura humana, procurava dar um sentido plástico, com grafismos fortes, mas não uma cópia".

Depois de permanecer um ano no Rio de Janeiro, à disposição da Força Expedicionária Brasileira, Sacilotto voltou para São Paulo onde travou contato com Sérgio Milliet. Este programou uma exposição – para abril de 1946 – juntamente com Marcelo Grassmann, Octávio Araújo e Luís Andreatini. A exposição despertou a atenção da crítica no Rio, repercutindo também

na capital paulista. O crítico Rubens Navarra externa seu "entusiasmo com a variedade e riqueza plástica" dos quatro iniciantes, enquanto Geraldo Ferraz destaca "a identidade que eles têm com o expressionismo", principalmente dos artistas alemães.

Um ano depois, em 47, Sacilotto participa de uma exposição mais ampla, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo. A mostra reuniu 19 artistas, destacando-se Aldemir Martins, Cláudio Abramo e Maria Leontina, enfim, uma equipe "que veio desenvolver e influenciar a geração futura, por exemplo". do acordo com Sacilotto.

Ruptura

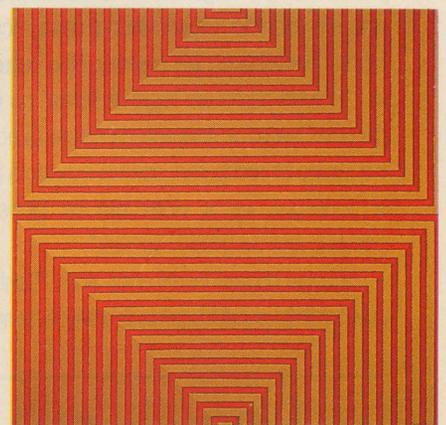
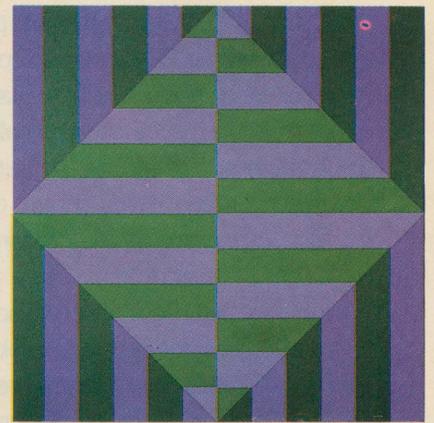
Em 1951, foi realizada a I Bienal de São Paulo e Max Bill, com a sua *Unidade Tripartida*, obra concreta, conquistou o I Prêmio Internacional de Escultura. É quando Sacilotto, com outros artistas, começa a discutir os novos rumos da Arte, que culmina com o surgimento do grupo Ruptura, de tendência nitidamente concreta. Sacilotto seguiu o Geometrismo.

"Passei – lembra – a ter uma linguagem própria, atração pelo ritmo das forças e pela seqüência. Por exemplo: um quadrado de um centímetro por um centímetro multiplicado por 10, ou 50 é jogado dentro do quadro, criando estruturas. Eu queria criar um certo clima de magia ou religiosidade dentro do geometrismo. Acredito que tenha conseguido". Isso porque, na opinião de Sacilotto, a arte geométrica, de grandes aberturas, é uma matemática de muitas dimensões e proporções, para ser vista e não medida. Diz: "Com muito rigor, ela não é arbitrária, quando você compõe um conjunto, não pode tirar um elemento desse contexto, senão destrói a obra. É muito diferente da arte abstrata".

Hoje, ele se revela satisfeito em ver que qualquer revista de moda, ou até mesmo comerciais e programas de televisão, aderiram ao geometrismo, com seus logotipos até nos tecidos. "Enfim, a arte moderna revolucionou todos esses segmentos. É um desenvolvimento."

Prêmios

Sacilotto volta um pouco no tempo, enquanto saboreia um copo de cerveja. ("Há anos que estou proibido de tomar uma cachacinha...", lamenta.) Lembra quando, em 1952, participou da bienal de Veneza e, no mesmo ano, conquistou



o I Prêmio Governador do Estado, no Setor de Pintura, no Salão Paulista de Arte Moderna. Esse mesmo prêmio ele ganharia em 1960, no Setor de Escultura. Mas sua consagração definitiva ocorreu quando ele participou da *Konkrete Kunst*, Exposição Internacional de Arte Concreta, em Zürich, Suíça.

A partir de então, os artistas começaram a ser independentes do grupo e a separação culminou em 64, quando passaram a se dedicar mais à pesquisa. Sacilotto reapareceu, todavia, em 68, com uma retrospectiva de suas obras, em Sala Especial no I Salão de Arte Contemporânea de Santo André, com trabalhos produzidos no período de 1946 a 1965.

Na década de 70, participou apenas de mostras documentais, históricas. Dez anos mais tarde, Sacilotto ressurgiu no Museu de Arte Moderna de São Paulo com uma retrospectiva reunindo 135 trabalhos.

Na opinião de Enock Sacramento, vice-presidente da Associação Paulista dos Críticos de Arte, depois dessa mostra "Sacilotto passou a ser considerado, não só pela crítica especializada e pelos historiadores de arte, mas também por colecionadores e pelo grande público, como uma figura excepcional da arte brasileira da segunda metade do século".

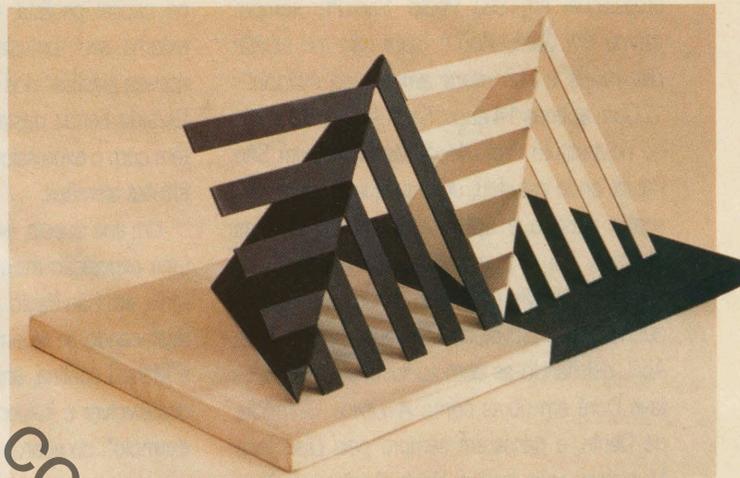
Já o veterano Décio Pignatari diz que Sacilotto "é um operário avançado da parcimônia pictórica e escultórica. Quando muitos apreciadores da arte já perderam a virtude de ver, consagrando-se à especialidade de apenas reconhecer o que julgam ter visto alguma vez, ou algumas vezes, ele propõe a audácia de reaprender a ver, negando-se a transformar o olho em carimbo. Organizando o espaço como formas elementares, ele ensina o olho cultural a ser "simples como um largo de igreja" no dizer daquele Oswald de Andrade, para quem a poesia e o tempo se recuperam apenas quando a gente consegue ver a vida com os olhos do primeiro ano do grupo escolar".

Pignatari dá seu testemunho final: "Conheço Luiz Sacilotto e sua frugalidade artística há quase

três décadas, desde os juvenis tempos heróicos da arte construtiva no Brasil. Pouco se tem mostrado ao público nestes últimos anos. Por isto, esta sua retrospectiva é uma festa. Que, espero, surpreenda a muitos, como alegre a mim".

Para sobreviver como artista, Luiz Sacilotto – assim como a maioria dos brasileiros – foi obrigado a exercer uma profissão paralela. "Minha vida profissional era como desenhista. Comecei na Hollerit, em 1944. Mas depois fui convocado para integrar a FEB. Quando voltei, fui reintegrado na empresa como desenhista de letras de alta precisão".

"Como trabalhava na Capital, recebi, em seguida, um convite para ser desenhista de arqui-



tetura, em um pequeno escritório. Nesse período, comecei a sentir a transformação do que eu fazia artisticamente. A minha extra-profissão – desenhar e pintar – eu fazia aos sábados, domingos e à noite. Por este motivo, desenvolvi uma atividade artística paralela ao trabalho, meu ganha-pão, até 1978. Antes, no entanto, fui projetista de esquadilhas metálicas com ferro e alumínio na Fichet. Acho que, como já disse Eméric Marcier, o importante é que sobrevivi na minha profissão".